

Jacaré e barro em São Cristóvão

O bairro já se chamou Barreiros, devido à lama nas ruas. Depois, com a construção da igreja, foi batizado com o nome do santo



Os antigos moradores de São Cristóvão, Vitória, fizeram uma viagem no tempo, ontem. Eles lembraram que, no passado, no bairro havia muita lama e no atual campo do Lolão existia uma chácara, com lagoa e jacarés.

Devido às ruas não calçadas, o nome original do bairro era Bar-

reiros. Em 1966, quando os moradores começaram a construir a igreja católica, decidiram trocar o nome do lugar, em devoção ao santo padroeiro.

“O Parque Municipal de Barreiros era uma chácara da família Lucas. O campo do Lolão era lagoa e tinha até jacaré”, afirmou o aposentado Daniel Ber-

tuce, 68, que vive no bairro há quatro décadas.

“Muita gente entrava na propriedade dos Lucas para pegar mangas e outras frutas. Inclusive eu”, lembrou o vice-presidente do Movimento Comunitário, Célio Barboza do Nascimento.

MANGUE

A pensionista Olga Carneiro Monteiro, 76, ressaltou que nasceu na região e vive há mais de 60 anos na mesma casa. “A rua José Motta Fraga era um grande valão. Era tudo mangue. Inclusive, Joana D’Arc tinha um porto para os canoeiros”, recordou.

O comerciante Ariede Rodrigues, 55, mudou-se com a família para São Cristóvão quando tinha 10 anos.

“A gente brincava muito na rua, pois era tranquilo. Com certeza, uma vida que as novas gerações não têm. Meus amigos eram Mateus, René, Joe, Fernando e Deraldino, que já morreu”, contou.



KADIDJA FERNANDES/AT

Olga: “A rua José Motta Fraga era um grande valão”

PERSONAGENS

ANTONIO MOREIRA/AT

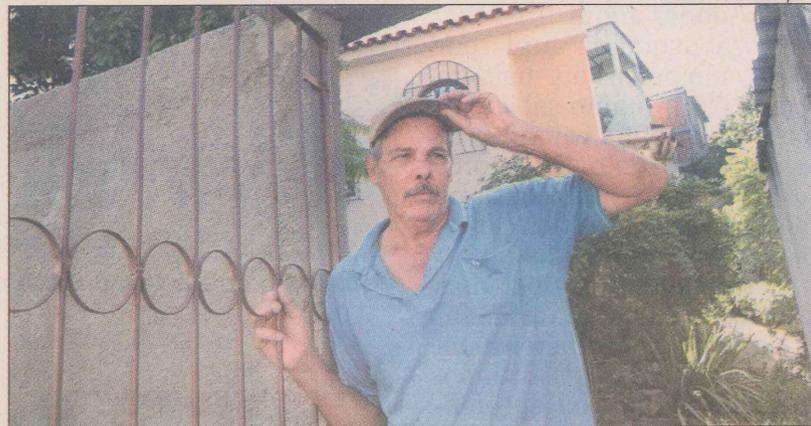


CONGO — Apesar de morar na rodovia Serafim Derenze, em Joana D’Arc, o mestre de congo Reginaldo Barboza Salles, 82, é vizinho de São Cristóvão, Vitória, e considerado uma referência no bairro. Foi ele quem criou a tradição do congo na comunidade.

“Em 1945, meu sogro, Alarico Azevedo,

e eu criamos a banda de congo Amores da Lua. Ele morreu e fiquei à frente. Quando minha sogra morreu, em 1987, fiz uma procissão saindo da Igreja de São Cristóvão até Santa Marta. Desde então, a gente repete sempre em homenagem a São Benedito, no dia 24 de dezembro”, contou.

KADIDJA FERNANDES/AT



RUA — O aposentado Daniel Bertuce, 68, que mora em São Cristóvão há 40 anos, lembrou ontem que foi preciso negociar a venda de uma propriedade para abertura de uma rua no bairro.

“Para ir à escola, o pessoal subia pela

via da igreja e descia por dentro do meu quintal. Não existia calçamento aqui. Depois de um tempo, tivemos que fazer negócio com uma parte da propriedade para abrir rua aqui. Caso contrário, não existiria acesso à parte alta”, afirmou.